

Fotos: Letícia Mouhamad/CB/D.A Press



A artesã e vendedora Tânia Bispo já viu de tudo acontecer na Esplanada dos Ministérios

# Guardiões *de* lembranças

**Memórias vivas** do turismo candango, os vendedores de souvenirs que emolduram o **Eixo Monumental** presenciaram transformações políticas, sociais e urbanas da capital ao longo dos anos **a partir do mesmo ponto** de trabalho: a **Catedral Metropolitana** de Brasília

» LETÍCIA MOUHAMAD

Uma cidade bonita, calma e organizada. Assim elogiam os turistas que passam em frente à Catedral Metropolitana de Brasília. “Não tem quem não goste daqui”, pontua Tânia Bispo, 58 anos, natural de Salvador (BA). Ela chegou à capital há 30 anos, a convite da família, mas confessa ter precisado de três tentativas até fincar raízes de vez no Cerrado — o custo de vida inicial assustou. Moradora do Gama, começou a vida no comércio, transportando cocos no ônibus para vender na área central do Plano Piloto. O tempo passou, a estrutura melhorou e a vocação mudou.

Do seu ponto de venda na Esplanada, hoje com lembranças da capital federal, Tânia já viu de tudo acontecer. Certa vez, uma movimentação estranha próxima à Rodoviária do Plano Piloto chamou sua atenção. Era domingo, dia de manifestação. Diferente das demais que presenciou na Esplanada, aquela a marcou. “Vi começar um quebra-quebra e pensei: ‘Rapaz, eu vou é arrumar minhas coisas e me mandar’”. Para ela, não dá para esquecer o 8 de janeiro de 2023.

“É uma lembrança triste, mas acho que serve para reforçar a importância da nossa democracia, não é?”, comenta a trabalhadora, enquanto organiza as miniaturas de pedra-sabão que representam os Três Poderes e a estátua da Justiça. Ali, Tânia também vende chaveiros, ímãs de geladeira, canecas e artesanatos produzidos em madeira por ela mesma, como reproduções da Catedral. “Alguns itens eu peço para cortar a base, depois colo e monto. Gosto desse trabalho, até tirei minha carteirinha de artesã”, diz ela, entre um atendimento e outro.

A escolha pelo local foi estratégica: “É o nosso maior cartão-postal, afinal, a imagem da Catedral está em todo lugar”, observa Tânia, cujos filhos e marido seguiram o mesmo caminho no comércio artesanal e de água de coco entre o Museu Nacional e a Esplanada. Sobre a preferência do público, a lógica é prática. “Chaveiro e ímãs são os itens que mais saem. É barato e leve. Ninguém quer voltar para casa com muito peso ou volume na mala. A maioria chega aqui e compra uns 10 chaveiros de uma vez. Levam para toda a família”, conta, rindo.

## Tradição que floresce

A poucos passos de Tânia, o cotidiano da Esplanada ganha outros sotaques e memórias que se entrelaçam com a própria história da construção do Distrito Federal. Divino Carvalho de Souza, 70, carrega no rosto e nas mãos as lembranças dos primeiros anos de Brasília.



Miniaturas de pedra-sabão e resina da banca de Divino Carvalho



“Seu” Divino trabalha como vendedor de miniaturas há 25 anos



**Isso aqui é um trabalho braçal, mas é uma terapia. Não troco por nada”**

**Guajará Ferreira de Paula, artesão**

manter a banca viva, ele e os irmãos fazem um rodízio semanal entre a produção artesanal no galpão do P Norte, onde lavam, tingem as sempre-vivas com anilina e trançam as peças manualmente, e o atendimento ao público na Esplanada. “É puxado, mas não troco isso por nada”, diz.

Ao longo de mais de quatro décadas, Guajará viu a história do país passar diante dos seus olhos. Lembra do mar de gente na época das Diretas Já, quando mais de 200 mil pessoas ocuparam a Esplanada. “Para a gente, era bom porque vinha muita gente de fora e comprava. Nunca fomos prejudicados”, recorda.

Hoje, entre o protetor solar, o chapéu de palha e a sombra do guarda-sol, ele vira até guia de turismo. “Indico os ministérios, explico sobre a cidade... É gratificante. Teve gente que comprou flor comigo há 15 anos e outro dia passou aqui, me reconheceu e comprou de novo. A gente fica protegido por Nossa Senhora Aparecida e vai tocando.”

## Mala do visitante

E é justamente para esses visitantes que o trabalho dos três ganha sentido. Vindos de São Paulo após uma estada na Chapada dos Veadeiros, os amigos Sabrina Cândido e Pedro Henrique Shinohara, ambos de 30 anos, passeavam fascinados pela vastidão monumental da capital. “Tudo é muito grande, bonito e performático”, resumiu Pedro. Na sacola, a diversidade que define a banca candanga: miniaturas da Catedral para a fé, ímãs panorâmicos para a geladeira e até réplicas de figuras políticas que agradam aos gostos mais variados da família.

A catarinense Grazielle Pelizar, 29, resumiu em poucas palavras o sentimento de quem passa por ali antes de despaçar as malas de volta para casa. “É uma cidade muito linda e planejada.” Ao levarem uma miniatura, um chaveiro ou um ímã na mala, os visitantes guardam mais do que um símbolo arquitetônico; levam consigo o trabalho de quem faz do coração do Brasil o seu próprio teto e sustento.



Guajará Ferreira de Paula trabalha no ramo de flores secas há mais de quatro décadas



De São Paulo, Sabrina Cândido e Pedro Henrique Shinohara garantiram souvenirs